

# Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre Comunicação e Educação

Ismar de Oliveira Soares

*Professor titular da Universidade de São Paulo, na Licenciatura em Educomunicação da Escola de Comunicações e Artes. Coordenador do NCE (Núcleo de Comunicação e Educação da USP). Presidente da ABPEducom (Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação).*

*E-mail: ismarolive@yahoo.com*

**Resumo:** O artigo recupera aspectos históricos relacionados à aproximação entre a Comunicação e a Educação, levando em conta o surgimento de projetos na área, e a mobilização de instituições em torno ao tema, nos últimos 60 anos, como foi o caso da Unesco, em sua busca pelo envolvimento dos Estados latino-americanos numa questão que a todos parecia secundária. Num segundo momento, volta-se especificamente para a América Latina, mostrando como, a partir dos anos de 1960, algo específico e típico passa a ocorrer por aqui, distanciando o movimento pela educação midiática dos países do nosso continente dos esforços europeus e norte-americanos em promover a *Media Literacy*. Recordamos especificamente o papel do I Congresso Internacional sobre Comunicação e Educação (São Paulo, 1998), em tornar mundialmente conhecido um conceito que viria dar nova vida à promoção da educação midiática no continente: a Educomunicação.

**Palavras-chave:** Educomunicação, Educação Midiática, *Media Education*, *Media Literacy*, *Mídiaeducação*.

**Abstract:** The paper analyses the historical aspects related to the approximation between Communication and Education, considering the emergence of projects in the area and the mobilization of institutions around the subject in the last 60 years. An example was the search of Unesco for the involvement of Latin American states in a matter that seemed secondary to everyone. Then, the paper focuses specifically on the Latin America context, showing how, from the 1960s, something specific and typical occurs, separating the movement towards the media education in Latin American countries from the European and North American efforts to promote Media Literacy. The paper also analyses the role of the I International Congress on Communication and Education (São Paulo, 1998) in making known worldwide a concept that would give new life to the promotion of media education in the continent: the Educommunication.

**Keywords:** Educommunication, Media Education, Media Literacy.

ARTIGOS NACIONAIS

Recebido: 31/01/2014

Aprovado: 27/03/2014

## 1. INTRODUÇÃO

O tema da educação “sobre” e “com” a mídia tem sido objeto de inúmeros congressos nos últimos anos, em todo o país. O Núcleo de Comunicação e Educação da USP (NCE-USP) voltou-se ao assunto durante seu VI Encontro Brasileiro de Educomunicação (São Paulo, setembro de 2013), com quatro mesas-redondas, 20 painéis e 78 trabalhos acadêmicos, contando com a presença de representantes do MEC (Programa Mais Educação), da Prefeitura de São Paulo (Programa Educom da Secretaria Municipal de Educação), assim como do setor de Comunicação da Unesco/Brasil. Na ocasião, a Unesco lançou a tradução para o português de sua mais recente contribuição internacional à questão, o manual intitulado: *Alfabetização midiática e informacional. Currículo para formação de professores* (Unesco/UFTM, 2013).

O presente texto corresponde a uma síntese do conteúdo das minhas intervenções no evento, enquanto presidente da comissão organizadora.

## 2. ASPECTOS HISTÓRICOS DA APROXIMAÇÃO ENTRE A COMUNICAÇÃO E A EDUCAÇÃO

Nos anos de 1970 e seguintes, os especialistas tinham seus olhos voltados para países como a Inglaterra, a Austrália e o Canadá, identificando-os como referências na área da Educação Midiática, pela originalidade e abrangência de seus programas, assim como pelo apoio que recebiam de seus respectivos governos. Nos Estados Unidos, o reconhecimento e a valorização do assunto oscilaram na dependência do envolvimento do governo: em períodos republicanos, pouco apoio; já em tempos democratas, relativa expansão, especialmente nas escolas públicas. No final do primeiro mandato de Clinton, por exemplo, a *Media Literacy*, até então presente nos programas educativos de apenas 12 dos estados, alcançou definitivamente os parâmetros curriculares (*academic standards*) de todas as unidades federadas<sup>1</sup>.

Na Europa – no início de 2007 –, era o governo francês que informava haver adotado a *Éducation aux Médias* como conteúdo curricular obrigatório em todas as escolas do país, isso depois de um longo esforço da Clemi, instituição mantida pelo Ministério da Educação, cujo trabalho foi o de estimular e formar professores para o desenvolvimento de atividades no campo<sup>2</sup>. Na América Latina, o tema não chegou a ganhar *status* de política pública, permanecendo restrito à iniciativa de indivíduos, grupos isolados ou instituições formadas por religiosos, educadores, acadêmicos ou ativistas políticos do Movimento Popular, sem nunca ter provocado um consenso sobre metas, objetivos ou metodologias. Merece destaque, contudo, o florescimento, em países como a Argentina, de programas de educação para os

1. Uma visão de como a intelectualidade norte-americana valoriza a Educação Midiática pode ser obtida com a leitura do *paper Confronting the Challenges of Participatory Culture: Media Education for the 21st Century*, de Henry Jenkins (coord.), Diretor do Comparative Media Studies Program, do Massachusetts Institute of Technology. Disponível em: <[https://mitpress.mit.edu/sites/default/files/titles/free\\_download/9780262513623\\_Confronting\\_the\\_Challenges.pdf](https://mitpress.mit.edu/sites/default/files/titles/free_download/9780262513623_Confronting_the_Challenges.pdf)>. Acesso em: 11 jul. 2014.

2. Em 2013, o Centre de Liaison de L'Enseignement et des Médias d'Information (Clemi) celebrou seus 30 anos de assistência aos programas de educação aos meios na França. Disponível em: <[www.clemi.org/fr](http://www.clemi.org/fr)>. Acesso em: 11 jul. 2014.

meios com resultados efetivos e abrangência nacional, como o implementado pela ONG Las Otras Voces<sup>3</sup>.

A exemplo do que ocorre na Argentina, igualmente no Brasil, a dedicação ao assunto tem sido encontrada com maior frequência no trabalho das organizações não governamentais<sup>4</sup> e na ação de núcleos acadêmicos, tanto do campo da Educação quanto da Comunicação<sup>5</sup>. E foi a partir da contribuição destas ONGs e da universidade – geradoras de novas orientações e metodologias de trabalho – que a questão da Educação Midiática começou a se aproximar das políticas públicas, como comprova o projeto Nas Ondas do Rádio (Prefeitura de São Paulo)<sup>6</sup>. Em outras palavras, a educação para uma recepção ativa e crítica das mensagens midiáticas apesar de continuar sendo obra de pioneiros, avança com expectativas positivas para o futuro.

### 3. CORRENTES TEÓRICAS

Antes de seguirmos na descrição das diferentes práticas no campo, é necessário observar que não existe, como muitos manuais fazem supor, um modelo único de se promover a Educação Midiática. Historicamente, os programas estabelecidos filiam-se, entre outros possíveis, a três protocolos básicos, entendidos como conjuntos de conceitos e normas que garantem a identidade das ações, sua coerência e aceitação pública: o moral, o cultural e o mediático (ou educ comunicativo).

O **Protocolo Moral** é o mais antigo e ainda hegemônico, que remonta aos anos de 1930. Desde esta época, religiosos de diferentes denominações, referendados pelo Vaticano e as encíclicas dos papas Pio XI, Pio XII e Paulo VI têm sido perseverantes em desenvolver atividades educativas, algumas de caráter sistemático, contra os perigos representados, inicialmente, pela produção cinematográfica, e, na sequência, pela “invasão” da mídia, que adentrou com muita rapidez o interior dos lares, a partir dos anos de 1950. A título de exemplo, campanha com um abaixo-assinado de 10 milhões de assinaturas obrigou Hollywood a adotar regras de conduta (Código Hays), comprometendo-se a controlar os excessos denunciados por esta vertente. Para tanto, uniram-se judeus, protestantes e católicos, no mais expressivo ato ecumênico da história moderna<sup>7</sup>. A permanência desta corrente apoia-se no entendimento de que a liberdade de expressão não pode, sob qualquer hipótese, suprimir o direito da infância e da juventude em contar com uma produção midiática de qualidade, elaborada a partir do conceito de responsabilidade social. Explica, por outro lado, o apoio de setores da sociedade a um dispositivo como a classificação indicativa dos espetáculos. Há os que vão mais adiante, lutando para que se eliminem algumas tradições consolidadas no mercado, como publicidade dirigida a crianças.

3. Disponível em: <[www.lasotrasvoces.org.ar/index.php?option=com\\_content&task=view&id=6&Itemid=11](http://www.lasotrasvoces.org.ar/index.php?option=com_content&task=view&id=6&Itemid=11)>. Acesso em: jul. 2014.

4. Com destaque para o trabalho da ONG Viração Educomunicação ([www.viracao.org](http://www.viracao.org)), presente em todo o território nacional, com grupos de jovens se articulando para produzir comunicação, a partir de um planejamento e uma gestão compartilhada. Ver também o trabalho do conjunto das ONG que fazem parte da Rede CEP – Comunicação, Educação e Participação ([www.redecep.org.br](http://www.redecep.org.br)), assim como o serviço oferecido pela ONG Planetapontocom (<http://planetapontocom.org.br>).

5. Tomamos como referência o Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE-USP), cujas pesquisas deram origem ao presente artigo. No entanto, a circulação de *papers* sobre a prática educ comunicativa no Brasil, em eventos científicos, na primeira década do século XXI (MESSIAS, 2011), bem como a produção de mais de 97 pesquisas acadêmicas, registradas no banco de teses da Capes, entre os anos de 2000 e 2012 (PINHEIRO, 2013), demonstram que são numerosos os centros de pesquisas, em programas de pós-graduação em Educação, Comunicação e Ciências Humanas, que se interessam pelo assunto.

6. Disponível em: <<http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/anonimo/educ-com/nasondas.aspx>>. Acesso em: jul. 2014.

7. SOARES, Ismar de Oliveira. *Do Santo Ofício à Liberdade*. São Paulo: Paulinas, 1988, p. 79.

O **Protocolo Cultural** parte do princípio de que a comunicação e os meios de informação fazem parte da cultura contemporânea, pelo que merecem ser conhecidos e estudados. Admitem que uma criança ou jovem que tenha acesso a informações sobre a mídia ficará imune a seus excessos, especialmente os que exercem efeitos psicológicos sob sua formação. A principal consequência desse movimento em território americano foi o crescente envolvimento com o tema por parte de pediatras e psicólogos, levando o Senado a financiar a produção e distribuição de manuais sobre *Media Literacy* a professores de língua inglesa, em todo o país. A Unesco, a partir de sua sede em Paris, dá sustentação a esta perspectiva de *Media Education*, legitimando os esforços de pioneiros, em todo o mundo, no sentido de criar e implantar currículos no ensino formal. O que caracteriza esta vertente é seu foco na relação dos educandos com os meios de comunicação e as novas tecnologias ou, simplesmente, com a *mídia*. Esta é a razão pela qual esta maneira de trabalhar o tema ganha denominações como *Educación para los Medios*, na Espanha<sup>8</sup>; *Educação para os Medias*, em Portugal<sup>9</sup> e *Mídiaeducação*, no Brasil<sup>10</sup>.

O **Protocolo Mediático** é uma corrente recém-sistematizada, apesar de haver se estabelecido na América Latina desde os anos 1980. Parte da luta do Movimento Social pela universalização do direito à comunicação, trabalhando para garantir a todos os sujeitos sociais, pela educação, o “acesso à palavra”, tradicionalmente negado aos mais pobres e excluídos. O foco desta vertente não é a mídia, em si, mas o processo comunicativo em sua abrangência. O designativo “mediático” aponta para o reconhecimento alcançado pela Teoria das Mediações Culturais<sup>11</sup> que assegura que todos estamos inseridos nos diferentes ecossistemas comunicativos que nos envolve, transitando entre as funções de emissores e de receptores de comunicação. No caso, a Educação para a Comunicação, aqui denominada como Educomunicação<sup>12</sup> preocupa-se fundamentalmente com o fortalecimento da capacidade de expressão de crianças e jovens. Para que a meta seja alcançada, todas as formas de comunicação são objeto de análise, desde a interpessoal, a familiar, passando pela escolar, até chegar à midiática massiva. Na escola, o que se propõe é a revisão das disfunções comunicativas oriundas das relações de poder, buscando-se formas democráticas e participativas da gestão escolar, com o envolvimento das novas gerações. O que distingue este protocolo é sua intencionalidade: valoriza a mídia e inclui sua análise e uso como procedimento metodológico, mas vai além dela em seus propósitos e metas. Opera por projetos, valorizando todas as formas de expressão, especialmente a artística, tendo como objetivo a ampliação do potencial comunicativo da comunidade educativa e de cada um de seus membros. No caso, professores e alunos são igualmente aprendizes e igualmente educomunicadores.

8. AGUADED, José Ignacio. *La Educación para los Medios. Modelos asociativos en España y Portugal*. Disponível em: <<http://tecnologiaedu.us.es/nweb/htm/pdf/52.pdf>>. Acesso em: jul. 2014.

9. Ver: <[www.dgidc.min-edu.pt/educacao/cidadania/index.php?s=directorio-&pid=93](http://www.dgidc.min-edu.pt/educacao/cidadania/index.php?s=directorio-&pid=93)>. Acesso em: jul. 2014.

10. Ver: <<http://planeta-pontocom.org.br/midia-educacao>>. Acesso em: jul. 2014.

11. Como visto em: MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Comunicação e Mediações Culturais*. *Revista Brasileira de Comunicação*, São Paulo, vol. XXIII, n. 1, jan./jun. 2000, pp. 151-163.

12. O assunto foi largamente desenvolvido pelo autor Ismar de Oliveira Soares, cujos trabalhos são referenciados na bibliografia. Informações preliminares sobre o conceito podem ser obtidas no artigo *Caminhos da Educomunicação, na América Latina e nos Estados Unidos*, também de Ismar de Oliveira Soares (ECA-USP). Disponível em: <[https://sites.google.com/site/midiaseducacao/once2/cadernos\\_3](https://sites.google.com/site/midiaseducacao/once2/cadernos_3)>. Acesso em: jul. 2014.

## 4. PERCURSOS DA EDUCAÇÃO MIDIÁTICA NA AMÉRICA LATINA

É importante registrar que a Educação Midiática na América Latina remonta, pelo menos, aos anos de 1960 e pode ser descrita a partir dos projetos que se sucederam ao longo do tempo ou, ainda, pelas ideias que lhes deram sustentação.

O primeiro programa consistente de que se tem notícia voltava-se especialmente para a análise da produção cinematográfica por crianças, incluindo a produção de audiovisual por parte dos pequenos. Foi criado no ano de 1968, numa iniciativa do pedagogo Luis Campos Martínez. Denominava-se Plan de Niños (PLAN-DENI) e previa a preparação de professores para trabalhar com o cinema em sala de aula. A partir de 1969, a Ocic (Organização Católica Internacional de Cinema) assumiu o PLAN-DENI e, ao longo das três décadas seguintes, o multiplicou em países como o Uruguai, o Brasil, o Paraguai, a República Dominicana, além do Equador. No Brasil, o programa denominou-se Cineduc, estabelecendo-se no Rio de Janeiro, com atuação até o presente momento<sup>13</sup>. Bebendo, inicialmente, dos fundamentos do protocolo cultural, o PLAN-DENI converteu-se no mais precursor exemplo da prática educomunicativa, no continente latino-americano.

Já os jovens adultos contavam com os cineclubes, estes, sim, uma tradição que chegou da Europa e do Canadá. Fato notável foi o uso dos debates sobre a produção cinematográfica internacional, para acalantar, nos círculos de cultura, discussões sobre temas filosóficos e políticos, na efervescente sociedade do início dos anos 1960.

Na década de 1970, assistiu-se a uma dura reação dos intelectuais e educadores latino-americanos à possível influência dos meios de comunicação – especialmente da televisão – sobre crianças e jovens. Tal reação tinha dois fundamentos, teoricamente opostos.

Os intelectuais preocupavam-se com o estudo das estruturas econômicas e políticas que davam suporte a toda forma de comunicação (crítica às empresas e aos governos que ofereciam retaguarda aos veículos de informação). Estavam atentos e denunciavam uma evidente dependência cultural que o hemisfério Sul mantinha com relação ao hemisfério Norte, em termos de produção e distribuição de bens culturais e comunicacionais. A teoria que sustentava tais manifestações tinha como base a corrente marxista da imposição da ideologia das classes dominantes (detentora dos meios de informação) sobre as classes dominadas (consumidora dos meios)<sup>14</sup>.

Aqueles que se envolviam com a Educação Midiática adotavam, por sua vez, a visão de pesquisadores norte-americanos, de linha liberal, como Laswell e Schramm<sup>15</sup>, para quem a eficácia do processo comunicativo era garantida pela teoria dos efeitos, isto é, pela prevalência do emissor sobre

13. RAMOS, Pablo. *Tres décadas de Educomunicación en América Latina: los caminos del plan DENI*. OCLACC – Organización Católica Latinoamericana y Caribeña de Comunicación, Quito, 2001.

14. AGUIRRE, Jesús María; BISBAL, Marcelino. *La ideología como mensaje y masaje*. Caracas: Monte Avila Editores, 1981.

15. LASWELL; SCHRAMM. *Proceso y efectos de la Comunicación Colectiva*. Quito: Ciespal, 1964.



o receptor (os poderosos meios de comunicação dirigiam o imaginário de uma audiência passiva). A teoria dos efeitos era uma das vertentes, na educação, da teoria da aprendizagem social, de cunho comportamentalista (as crianças e jovens aprendiam com a mídia, que necessitava ser vigiada). Nos programas levados às salas de aula, o objeto de estudo eram as mensagens dos meios e seus impactos (os estereótipos que carregavam) e não exatamente os processos de produção ou a estrutura de poder por trás deles, como ocorria na corrente que defendia a perspectiva ideológica.

De todas as formas, por motivos diferentes, as duas correntes eram denunciadoras e desconsideravam a capacidade de reação e resposta do público consumidor. O processo de rejeição daí decorrente provocava, em última análise, o abandono da possibilidade de um diálogo entre o mundo da comunicação (tido como o espaço do entretenimento e do lazer descomprometido e promíscuo) e o da educação (o espaço sério da formação), levando, finalmente, a uma resistência dos sistemas educativos aos próprios programas de Educação Midiática. Foi nesse contexto que a Unesco decidiu intervir, incentivando propostas de formação a partir de uma terceira via: a do desenvolvimento cultural dos povos do continente.

## 5. UNESCO: EDUCAÇÃO MIDIÁTICA, CONDIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO

Foi, na verdade, no âmbito do debate em torno do desenvolvimento da América Latina – e não na discussão da questão específica da influência da mídia na sociedade – que teve início a ação articuladora da Unesco, na tentativa de aproximar Comunicação e Educação, na esfera das políticas públicas.

Para tanto, a organização promoveu um encontro no México, em dezembro de 1979, reunindo os ministros da Educação e do Planejamento dos países do continente, com o objetivo de examinar os problemas fundamentais da educação no contexto do desenvolvimento geral da região, criando, para tanto, um plano comum, denominado Projeto Principal de Educação na América Latina e Caribe. Em decorrência, em abril de 1981, a Unesco reuniu ministros da Educação, em Quito, para especificar as ações nas áreas do uso dos meios de comunicação nas escolas, bem como no tópico da educação crítica frente às mensagens massivas<sup>16</sup>. A partir desta deliberação, a organização ampliou sua presença, apoiando, entre outras ações, os Seminários Latino-americanos de Educação para a Televisão realizados, respectivamente, em Santiago, Chile (1985), Curitiba, Brasil (1986) e Buenos Aires, Argentina (1988), com uma síntese, em 1990, em Las Vertientes, Chile<sup>17</sup>.

Descobriu-se, então, que os poucos educadores para os meios do continente, reunidos em ONG ou em Centros de Pesquisa, agora sintonizados

16. GUTIÉRREZ, Francisco. *Educación y comunicación en el Proyecto Principal*. Santiago do Chile: Unesco, 1984.

17. MIRANDA, Martín (ed.). *Educación para la comunicación. Manual Latinoamericano*. Santiago do Chile: Unicef/Ceneca, 1992.

com o Projeto Principal, haviam paulatinamente abandonado, na passagem da década, tanto as teorias manipulatórias como o paradigma da ideologia. Não lhes servia mais o cientificismo sistêmico, quanto menos o moralismo exacerbado. Buscavam, em outra direção, a formulação de uma síntese que desse apoio coerente a uma efetiva luta pela democratização das políticas de comunicação no continente, tendo como base a proposta de implantação de uma nova ordem mundial da informação e da comunicação (sob a sigla Nomic). Caminho estratégico foi, para tanto, a ponte construída entre os referenciais sobre o planejamento da ação participativa em projetos para o desenvolvimento<sup>18</sup>, de um lado, e as práticas de negociação de sentidos reconhecidas pela teoria das mediações culturais<sup>19</sup> de outro.

Em consequência, o fato afastou, paulatinamente, um grupo significativo de ativistas latino-americanos da visão tradicional centrada no fenômeno midiático – com os registros de atos de violência, apelo sensual ou de manipulação da informação –, colocando-o no caminho de busca por um novo sentido de se fazer “educação para a comunicação”.

Seguiu nesta trilha, por exemplo, o Projeto de Leitura Crítica da Comunicação, da UCBC<sup>20</sup>, no Brasil, que dos anos 1980 aos 1990, ofereceu um serviço de formação às lideranças do movimento popular e a docentes interessados na análise da presença da cultura midiática na sociedade. A essência da metodologia consistia em permitir a pessoas e grupos que descobrissem a natureza de suas relações com a mídia, a partir de seu lugar social e de seus próprios interesses (perspectiva dialética, em oposição a uma perspectiva positivista e cognitivista), ao que se somava o convite para que se apoderassem das linguagens e dos processos de produção. Desse esforço, surgiu a denominada comunicação alternativa ou popular, dos anos de 1970 e 1980, no continente.

O texto conclusivo do referido Encontro de Las Vertientes traz o sinal das mudanças: o título do relatório já não falava mais em “Educação para a televisão” ou para outra mídia em particular, mas em “Educação para Comunicação”, esta entendida como fenômeno essencialmente humano e político.

## 6. DE PROBLEMA EDUCATIVO A UM PROBLEMA DE NATUREZA CULTURAL. O PAPEL DO I CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO

No final da década de 1990 (exatamente, em maio de 1998), os especialistas em “educação para a comunicação” da América Latina ganharam uma oportunidade de trocar suas visões e propostas com “educadores para a mídia” (*media educators*) dos mais importantes países do mundo. Em São Paulo, realizou-se o I Congresso Internacional sobre Comunicação e

18. BORDENAVE, Juan Díaz; CARVALHO, Horácio Martins de. *Comunicação e planejamento*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

19. MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Comunicação e Mediações Culturais*. *Revista Brasileira de Comunicação*, São Paulo, vol. XXIII, n. 1, jan./jun. 2000, pp. 151-163.

20. O LCC foi promovido pela UCBC (União Cristã Brasileira de Comunicação), organização que se notabilizou pela promoção anual dos Congressos Brasileiros de Comunicação Social e pelo poder de mobilização junto ao movimento popular a partir dos meados da década de 1970. Adotando uma perspectiva dialética de análise da mídia, chegou a organizar uma média de 60 encontros de formação ao ano, em todo o país, ao longo dos anos 1980. Ver: GOMES; SOARES (1988).

21. Sobre o NCE-USP, ver ALVES, 2002.

22. O WCME, já extinto, surgiu a partir dos congressos internacionais sobre Pedagogia da Imagem, que reuniram especialistas de todo o mundo, ocorridos em La Coruña, Espanha, nos meados da década de 1990.

23. Compareceram ao evento intelectuais como: Robert Ferguson (Inglaterra), Barry Duncan e Carolyn Wilson (Canadá), Guillermo Orozco (México), Geneviève Jacquinot (França), Kathleen Tyner (USA), Mario Kaplún (Uruguai), Gabriela Bergomas (Argentina), Robyn Quin (Austrália), Costas Criticos (África do Sul), José Luis Olivari Reyes (Chile), Pablo Ramos (Cuba), Martín Alfonso Gutiérrez, Roberto Aparici, Carmen Mayugo e Sara Renè (Espanha).

24. Segundo Devadoss, dos cinco eventos internacionais que ofereceram maior contribuição para o estudo da *Media Education* no mundo, entre 1990 e 2000, três foram promovidos na Europa, com a colaboração direta da Unesco: o Congresso de Toulouse, julho de 1990, com o tema “New Directions in Media Education”; o Congresso de La Coruña, Espanha, sobre “Pedagogics of Representation”, julho de 1995; e o congresso de Paris, abril de 1997, sob o título “The Young People and the Media Tomorrow”. Os dois outros ocorreram fora da Europa, respectivamente, no Brasil: o I Congresso Internacional sobre Comunicação e Educação, maio de 1998, sobre “Multimedia and Education in a Globalized World”, e no Canadá, o Congresso de Toronto, (2000), sobre “Children, Youth and the Media beyond the Millennium” (DEVADOSS, 2006).

25. Idem, pp. 30-31.

Educação, convocado pelo NCE – Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (coordenado por Ismar Soares)<sup>21</sup>, com apoio do WCME – World Council for Media Education (com sede em Madri, presidido por Roberto Aparici)<sup>22</sup>, tendo como tema “Multimedia and Education in a Globalized World”. O evento foi realizado simultaneamente nas sedes do Instituto Cultural Itaú e do Sesc Pompeia, com a participação de 1.500 pessoas, sendo como palestrantes internacionais 170 especialistas, provenientes de 30 países<sup>23</sup>.

O I Congresso Internacional foi objeto de estudos acadêmicos, no Brasil e no exterior. Em 2004, por exemplo, o pesquisador indiano Joseph Sagayaraj Devadoss defendeu tese doutoral junto a UPS (Università Pontificia Salesiana), de Roma, tendo o Congresso de São Paulo como um de seus objetos, concluindo, ao final, que este havia sido um dos cinco eventos mais importantes ocorridos em todo o mundo sobre o tema da *Media Education*, na década de 1990<sup>24</sup>.

Em seu trabalho, o autor, presente ao evento, constata a circulação de novas ideias provenientes tanto da Europa quanto da América Latina. Entre as novas perspectivas circulantes, destaca a proposta de Buckingham no sentido de se abandonar o enfoque protecionista em relação às crianças, valorizando uma prática que viesse acompanhada de experiências práticas. Outro ponto de vista em destaque foi o de Roberto Ferguson, para quem a *Media Education* deveria estar focada numa metodologia que favorecesse a construção coletiva e solidária de conhecimentos a serviço da análise crítica da mídia. De Ismar Soares, identificou a proposta de que a *Media Education* tivesse seu centro de preocupações no processo comunicativo e não, exclusivamente, na análise dos meios de informação em si mesmos.

Segundo o pesquisador, os debates ocorridos permitiram que, essencialmente, a *Media Education* deixasse de ser vista como um problema meramente educativo para transformar-se num problema de natureza cultural. Registra, por outro lado, a emergência de um conceito até então desconhecido: a Educomunicação. Literalmente, afirma o autor, no texto da tese publicada em livro, na Índia, em 2006, citada aqui em tradução livre:

O congresso assumiu a Educação para a Mídia (*Media Education*) não simplesmente como uma questão educacional, mas, sobretudo, como um problema cultural. Tornou conhecido as, até então, desconhecidas experiências latino-americanas relacionadas à educação midiática, trazendo a público o conceito da Educomunicação, assim como o perfil profissional do Educomunicador (*Educommunication concept and Educommunicator profile*). Promoveu, finalmente, um efetivo diálogo entre pesquisadores do campo da *Media Education* e professores de sala de aula<sup>25</sup>.



## 7. EDUCOMUNICAÇÃO ENCURTA O CAMINHO DE CONVENCIMENTO DO SISTEMA EDUCATIVO EM RELAÇÃO À EDUCAÇÃO MIDIÁTICA

De 1998 até este início de segunda década do século XXI (2014), a observação de Davadoss segundo a qual o tema da relação Comunicação/Educação, na perspectiva educ comunicativa, havia ultrapassado a questão da mídia para adentrar a área da cultura não apenas se confirmou, como abriu portas nas políticas públicas, facilitando o ingresso da Educação Midiática onde até há poucos anos o sistema educativo resistia em discutir o assunto.

Tornou-se clássico o exemplo do Educom.rádio, da Secretaria de Educação do Município de São Paulo: um projeto voltado a combater a violência nas escolas e incentivar uma prática de convivência cidadã, numa rede complexa de escolas, espalhadas pelo território de uma cidade da magnitude de São Paulo, mediante o planejamento e uso colaborativo dos recursos da informação (inicialmente o rádio, depois o vídeo e a linguagem digital), articulando – em igualdade de condições e de forma plenamente democrática – professores, estudantes e membros da comunidade educativa, acabou criando raízes suficientes para manter a proposta no decorrer de sucessivas administrações públicas, comandadas por partidos adversários, todos reconhecendo as conquistas, que permitiram que, em 2010, a prática da produção midiática chegasse às crianças da educação infantil, com a criação de suas “emissoras de rádio” ou “miniestações de vídeo/TV”, totalmente conduzidas por crianças de 6 a 8 anos de idade<sup>26</sup>.

Outro exemplo clássico foi a adoção do conceito e da prática educ comunicativa por parte do Ministério do Meio Ambiente, tendo como objetivo promover a educação midiática de gestores encarregados das áreas de preservação socioambiental. O empoderamento midiático passou a permitir que um número crescente de jovens se interessasse por fazer uso da palavra e dos veículos de informação para defender os “direitos da terra”, ameaçados por um mercado hostil aos interesses da preservação da vida no planeta<sup>27</sup>.

Os dois exemplos – somados aos milhares que podem ser colhidos em todo o território nacional – demonstram que a perspectiva educ comunicativa de voltar-se prioritariamente aos problemas de cultura e, secundariamente, à questão dos meios de informação, havia produzido um efeito jamais testemunhado de interesse pela Educação Midiática no país. Garantiu, dessa forma, a abertura de portas anteriormente fechadas para o tema, tanto no âmbito do sistema educativo formal quanto no espaço da educação não formal.

Para o exercício de seu escopo, o conceito da Educomunicação pressupõe, contudo, a autonomia epistemológica de sua ação, uma vez que busca sua sustentação não exatamente nos parâmetros da Educação (em suas filosofias ou didáticas) ou, mesmo, da Comunicação (em suas teorias e práticas), mas na interface entre ambas (o mundo que se revela no encontro

26. Em 2001, a Prefeitura de São Paulo convidou o Núcleo de Comunicação e Educação da USP a levar a prática educ comunicativa a 455 de suas escolas de ensino fundamental. Inicialmente, o Educom.rádio foi considerado como uma ação alternativa de assistência social, destinada a reduzir a violência nos estabelecimentos de ensino mas, no final do programa de formação, em 2004, com a promulgação de uma Lei Municipal especialmente voltada à prática do conceito (Lei 13.941, de 12/2004), a Educomunicação foi integrada ao âmbito do currículo, onde permanece até a presente data. Acesso ao texto da lei: <[www.cca.eca.usp.br/politicas\\_publicas/sao\\_paulo/lei\\_educom](http://www.cca.eca.usp.br/politicas_publicas/sao_paulo/lei_educom)>. Pesquisas sobre o Educom.rádio vêm sendo feitas, dentre as quais a que deu origem ao livro de Isabella Bruni, *L'Educomunicazione brasiliana sulle onde della radio. Analisi di Caso*. Roma: Università La Sapienza, 2010. Sobre o programa Educomunicação pelas Ondas do Rádio, veja o site: <<http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/anonimo/educum/nasondas.aspx>>.

27. Ver documentos do Ministério sobre o tema: <[www.cca.eca.usp.br/politicas\\_publicas/ministerio\\_meio\\_ambiente](http://www.cca.eca.usp.br/politicas_publicas/ministerio_meio_ambiente)>.

dos dois campos tradicionais). No caso, a Educomunicação dialoga com a Educação, tanto quanto com a Comunicação, ressaltando, por meio de projetos colaborativamente planejados, a importância de se rever os padrões teóricos e práticos pelas quais a comunicação se dá. Busca, desta forma, transformações sociais que priorizem, desde o processo de alfabetização, o exercício da expressão, tornando tal prática solidária fator de aprendizagem que amplie o número dos sujeitos sociais e políticos preocupados com o reconhecimento prático, no cotidiano da vida social, do direito universal à expressão e à comunicação.

Ao ressaltar a novidade trazida pela expansão do conceito da Educomunicação, vinculado ao Protocolo Mediático, não pretendemos minimizar nenhum outro esforço que esteja sendo promovido por projetos sob outras denominações e com outros fundamentos. O progresso de uns favorece o sucesso dos demais.

Felizmente, cresce, hoje, no Brasil, a disposição para uma colaboração mais sólida entre os agentes que trabalham com Educação Midiática, independentemente da designação das correntes teórico-programáticas a que se filiam. O importante – entendem seus promotores – é unir forças para ampliar os espaços de negociação, especialmente com as políticas públicas, ainda resistentes em entender a importância de se tomar a mídia e a comunicação objetos de consideração no trabalho educativo.

## REFERÊNCIAS

- AGUIRRE, Jesús María; BISBAL, Marcelino. **La ideología como mensaje y masaje**. Caracas: Monte Avila Editores, 1981.
- ALVES, Patrícia Horta. **Educomunicação: a experiência do Núcleo de Comunicação e Educação**. Mestrado, ECA-USP, 2002.
- BELLONI, M.L. **O que é mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- BORDENAVE, Juan Diaz; CARVALHO, Horácio Martins de. **Comunicação e planejamento**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- BRUNI, Isabella. **L'Educomunizazione brasiliana sulle onde della radio. Analisi di Caso**. Roma: Università La Sapienza, 2010.
- BUCKINGHAM, David. **Watching Media Learning. Making Sense of Media Education**. Londres: Falmer, 1990.
- CANCLINI, Néstor. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho. **Educomunicação – construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

- DEVADOSS, Joseph Sagayaraj. **Media Education, Key Concepts, Perspectives, Difficulties and Main Paradigms**. Chennai, Índia: Arubu Publications, 2006.
- FANTIN, Monica. **Mídia-educação: conceitos, experiências e diálogos Brasil-Itália**. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- GOMES, Pedro Gilberto; SOARES, Ismar de Oliveira. **Da formação do senso crítico à educação para a comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 1988.
- GUTIÉRREZ, Francisco. **Educación y comunicación em el Proyecto Principal**. Santiago do Chile: Unesco, 1984.
- KAPLÚN, Gabriel. Comunicación, educación y movimientos sociales: paradojas técnico-políticas. In: BOLAÑO et al (orgs.). **Comunicación, educación y movimientos sociales en América Latina**. Brasília: Casa das Musas, 2009.
- LASWELL; SCHRAMM. **Proceso y efectos de la Comunicación Colectiva**. Quito: Ciespal, 1964.
- MARQUES DE MELO, José; TOSTA, Sandra Pereira. (orgs.). **Mídia & Educação**. Belo Horizonte, Autêntica, 2008.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Comunicação e Mediações Culturais. **Revista Brasileira de Comunicação**, São Paulo, vol. XXIII, n. 1, jan./jun. 2000, pp. 151-163.
- MESSIAS, Claudio. **Duas décadas de Educomunicação. Da crítica ao espetáculo**. Dissertação de Mestrado, USP, 2011.
- MIRANDA, Martín (ed.). **Educación para la comunicación. Manual Latinoamericano**. Santiago do Chile: Unicef/Ceneca, 1992.
- PINHEIRO, Rose Mara. **Educomunicação nos centros de pesquisa do país: um mapeamento das teses e dissertações disponíveis no banco da Capes**. Tese de Doutorado, USP, 2013.
- RAMOS, Pablo. **Tres décadas de Educomunicación en América Latina: los caminos del plan DENI**. OCLACC – Organización Católica Latinoamericana y Caribeña de Comunicación, Quito, 2001.
- SAYAD, Alexandre Le Voci. **Idade mídia: a comunicação reinventada na escola**. São Paulo: Aleph, 2012.
- SETTON, Maria da Graça. **Mídia e Educação**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- SILVA FILHO, Genésio Zeferino. **Educomunicação e sua metodologia: um estudo a partir de ONGs no Brasil**. Tese de Doutorado, ECA-USP, 2004.

SOARES, Ana Carolina Altieri. **Educomunicação e cidadania na América Latina, a interface comunicação/educação a partir das práticas sociais no continente: um estudo de caso das políticas públicas na Argentina e no Brasil**. Dissertação de Mestrado, Prolam-USP, 2012.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Do Santo Ofício à Libertação**. São Paulo: Paulinas, 1988.

\_\_\_\_\_. Comunicação/Educação, a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. **Contato, Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação**, Brasília, ano 1, n. 2, jan./mar. 1999, pp. 5-75.

\_\_\_\_\_. La Comunicación/Educación como nuevo campo de conocimiento. In: VALDERRAMA, Carlos Eduardo. **Comunicación-Educación, Coordinadas, Abordajes y Travesías**. Bogotá: Universidad Central, 2000a, pp. 27-47.

\_\_\_\_\_. Educomunicação: um campo de mediações. **Revista Comunicação & Educação**, ano VII, set./dez. 2000b, pp. 12-24.

\_\_\_\_\_. Educomunicazione. **La Comunicazione, Il Dizionario di Scienze e Tecniche**, Roma, Elledici, Rai-Eri, 2002, pp. 418-421.

\_\_\_\_\_. Educommunication: Concept and Aim. **Media Challenges Amidst Cultural And Religious Pluralism**, Ucip, Genebra, v. 1, 2005, pp. 113-116.

\_\_\_\_\_. El derecho a la pantalla: de la educación a los medios a la educomunicación en Brasil. **Comunicar**, Huelva, España, 31, XVI, 2008, pp. 77-82.

\_\_\_\_\_. **Educomunicação, o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011.